

TRADUÇÃO

Volume 1 - Número 2 - Verão 2004 - ISSN 1808 - 107X

Tractatus quidam

De Philosophia et partibus eius

Autor Anônimo

*Tradução, introdução e notas elaboradas
por
Jan Gerard Joseph ter Reegen **

* Professor de Filosofia na Graduação e de Ética no Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

Uma Introdução à Filosofia no século XII¹

Tractatus quidam

De Philosophia et partibus eius

1. INTRODUÇÃO

Estudar a evolução da classificação da ciência durante a Idade Média significa percorrer um caminho que revela não somente muito a respeito do modo de pensar daquela época, mas igualmente nos oferece valiosas indicações sobre a sua organização social e política e das suas atividades. Um outro aspecto importante desta pesquisa consiste na descoberta *como* a divisão, apresentada num determinado momento, é recebida pelos estudiosos, em outras palavras, qual o uso que os autores fazem dela.²

Neste contexto é bastante revelador o pequeno *Tractatus quidam de philosophia et partibus eius*, composto por um autor desconhecido do século XII, mas que provavelmente é discípulo da famosa Escola de Chartres,

¹ A versão portuguesa foi elaborada a partir do original latim publicado e comentado por G. Dahan: *Archives d'Histoire doctrinale et litteraire du Moyen Age*, Année 1959, T. XLIX, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1960, p. 155-193.

² Cf., por exemplo, Mendoza, Celina, El concepto e la clasificación de la Ciencia en el Medievo (s. VI – XV). In: De Boni, L.A. (org.) *A Ciência e a organização dos Saberes na Idade Média*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 57-85; ter Reegen, Jan. G. J., A concepção da Ciência de Boécio a Tomás de Aquino. In: *O Pensamento Medieval. II Semana de Filosofia. Anais*. Ilhéus, Editora da UESC, 2000.

de Guilherme de Conches³, mas que também seguiu os ensinamentos dos mestres da Escola de São Vitor, especialmente Hugo⁴.

A influência chartriana, assim Dahan⁵, manifesta-se, sobretudo, num complexo de interesses e preocupações: o estudo do mundo físico, o desejo de usar um método “filosófico” no estudo dos dogmas; tudo isto num espírito claramente platonizante que, por exemplo, se manifesta numa das obras de Guilherme de Conches: *Glosas do Timeu*.

O *Tractatus quidam* vai muito além de ser uma Introdução à Filosofia, em que é apresentada uma divisão das ciências; ele oferece também considerações – embora nem sempre muito profundas – sobre música, antropologia, política e até sobre teologia, que são relevantes para a história das idéias e do desenvolvimento social e político da época.

³ Guilherme de Conches (1080 – 1145?), grande gramático; nos seus escritos teológicos e filosóficos é platonizante, o que se manifesta no seu comentário do *Timeu* de Platão – isto quer dizer daquela parte do diálogo que é conhecida no seu tempo -, e da *Consolação* de Boécio, entre outros. A sua grande preocupação é “a conciliação do pensamento antigo e o cristianismo, o pensamento agostiniano, influenciado pelo neoplatonismo plotiniano, e o pensamento de Boécio, devedor de Proclo” (Dictionnaire des Philosophes, org. Denis Huisman, PUF, 1984, p. 1110-1111).

⁴ Hugo (1095 – 1141 ?), magister da abadia de São Vitor, distingue-se como cartógrafo do saber, leitor da Escritura e hermenêutico, filósofo, teólogo da história, gramático e geômetra (cf. *Didascalion. A Arte de Ler*. Introdução e tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p. 23-26).

⁵ Op. cit., p. 157-181.

Nada melhor para encerrar esta curta *introdução* do que a frase com que Dahan⁶ encerra a sua apresentação crítica do *Tractatus*:

O tratado não é obra de um filósofo de primeiro plano, mas antes de um pedagogo que faz um esforço para vulgarizar um certo número de ensinamentos que eram, sem sombra de dúvida, na sua juventude novidades.

Kalagatos, Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UFECE
Fortaleza, v.1 n.2, Verão 2004, p. 167 - 189.

⁶ Op. cit., p. 179.

2. TRADUÇÃO

Por um lado a filosofia é definida segundo a etimologia da palavra, por outro segundo a essência da coisa. A definição etimológica é a seguinte: Filosofia é o amor à sabedoria, a mente vivaz, que não precisa de nada, a primeira razão das coisas. A definição segundo a coisa é assim: A filosofia é uma certa compreensão daquelas coisas que parecem ser e que são e que obtém uma substância imutável de si.

Na opinião de alguns ela se divide em física, ética e teologia⁷, o que agradou a Orígenes. Por isso afirmam de Salomão que ele compôs três livros, em consonância com as três partes da filosofia: Eclesiastes, onde foi físico, os Provérbios, onde foi um ético, e o Cântico dos Cânticos, em que comprova a existência do teólogo. Eles aplicam a lógica nestas partes⁸.

⁷ Cf., por exemplo Boécio que diz: [...] *são três as ciências especulativas: a Física que não abstrai do movimento [...] a Matemática, que abstrai do movimento [...] a Teologia que não precisa abstrair do movimento nem supor separação [...]. Das três ciências a Física trabalha com a razão; a Matemática com a disciplina e a Teologia, necessariamente, com o intelecto [...]* In: *Cultura e Educação na Idade Média* (org. Luiz Jean Laland). São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 75.

⁸ A questão se a Lógica deve ser considerada filosofia ou não é antiga. Boécio afirma, na sua divisão, que a sua Lógica é o campo em que deseja interpretar Aristóteles, de acordo com a filosofia de Platão, e como tal é um estudo que precede a filosofia. Assim, a sua Lógica é um comentário sobre Aristóteles, a partir de um comentário de Porfírio (cf. Reale, *História da Filosofia*, vol. 1. São Paulo, Editora Paulus, 1990, p. 464) In: Jan G.J. ter Reegen, *Curso de História da Filosofia, a Época Medieval; (ad usum internum, mimeografado)*. UECE, Curso de Filosofia, 1997, p. 8).

Outros, porém, colocando a ciência em primeiro lugar, dividem-na em eloquência e sabedoria. Dividem a eloquência em gramática, dialética e retórica, enquanto colocam em primeiro lugar a gramática como base, em segundo a dialética como crescimento, e, finalmente, a retórica como conclusão. A sabedoria é dividida em duas: a prática e a teórica. A prática é dividida em três: em ética, economia e política. A ética é a ciência pela qual estão construídos os costumes, de onde se diz *ethica* que vem da palavra grega *ethis*, isto é, “costume”. A economia é aquela com que ensinamos às famílias a se administrarem; a palavra economia vem do grego *echonomon*, isto é “administrador”. A terceira é chamada política, que vem do grego *polis*, isto é, “cidade” ou “multidão”, porque ensina administrar e reger as cidades e as coisas públicas. A Teoria divide-se em física, matemática e teologia. Afirmam-se que a física consta de duas: na expulsão de doença, na conservação da saúde⁹. Divide-se a matemática em quatro: música, aritmética, geometria e astronomia. É chamada matemática porque em grego é *mathesis*, isto é “doutrina”. Apresentam *mathesis*, e sem aspiração é interpretada “adivinhação”¹⁰, donde Juvenal afirma: *É conhecida aos matemáticos a sua origem*¹¹.

⁹ Esta divisão lembra a divisão da filosofia de Domingos Gundisalvino. Cf., e.o. De Fraile, p. 113.

¹⁰ É clássico a discussão sobre a diferença entre *máthesis* e *mátesis* – ela também aparece, no século seguinte, em Rogério Bacon – no século XII; cf., entre outros, Hugo de São Vitor, *Didascalion II*, 3: *A matemática é chamada doutrina científica. Máthesis significa vaidade quando é escrita com o “t” não aspirado, e neste caso se refere à superstição daqueles que depositam o destino dos homens nas constelações. [...] Quando, porém, é escrita com “th” aspirado, significa doutrina matemática.*

¹¹ Sat. 14,28.

A música é dividida em mundana, humana e instrumental, e a sua distinção se descreve assim: a Música é a ciência para pesar com exatidão as proporções para conhecer a concórdia e a discórdia das coisas¹². Considerando a terceira parte, a instrumental, ela é descrita da seguinte forma: a Música é a ciência para avaliar com exatidão as proporções para conhecer a consonância e dissonância¹³. Ela é chamada música, quase mosaica, que vem do grego *moys*, isto é “água”, que é a origem de *Moysés*, que foi tirada das águas. Escolheram esta etimologia, porque dizem que foi imaginada a partir de “*hidralias*”, que são vasos para guardar água que, quando se bate neles, produzem consonância e música.

¹² Esta parte sobre a música é notoriamente inspirada pela *Didascalion* de Hugo de São Vitor, II, 12.

¹³ Esta divisão da música é encontrada na obra de Boécio *Institutiones Musicae* (PL. 63 – 1 cls 1167-1300). Nesta obra encontramos, e.o. a seguinte afirmação: *Consonância, quae omnem musicae modulationem regit, praeter fieri non potest. Etenim, consonnantia est dissimilium inter se vacuum in unum redacta consortia [...] Consonantia est acuti doni gravisque mixtura suaviter uniformiterque auribus accidens* (A consonância que rege toda a melodia da música, não pode ultrapassar o devir. De fato, a consonância é a relação de diferentes vazias entre si [...]) A consonância é a mistura de tons graves e agudos, que chega suave e uniforme aos ouvidos). (I, 3 e 8). A importância da música é também proclamada por Isidoro de Sevilla nas suas *Etimologias*: [...] *sem a música nenhuma disciplina pode ser perfeita, e não há nada sem ela; o mesmo mundo foi construído com certa harmonia. A música move as afeições e desperta na alma uma variedade de sentimentos* (Madrid: BAC, 1961, p. 62). Nunca é demais lembrar que a arte, e especialmente a música, tem no início da Idade Média uma função ética, o que se revela, por exemplo, no primeiro livro da *Institutionis Musicae* de Boécio, onde apresenta uma ética, baseada nos escritos platônicos, que defendem o ponto de vista que há música boa e má que podem influenciar os homens. Por isso, somente a música boa era permitida para Platão: o que é bom é bonito.

Da mundana uma consiste nas *epmeritis*¹⁴, que é considerada no número, no peso e na medida, outra consiste nos planetas, que é examinada a partir do movimento, do lugar, da natureza e dos seus efeitos, ainda outra consiste nos tempos, que é encontrada nos anos, nos meses, nas semanas, na alteração da luz e da noite. Da humana, uma consiste no corpo, outra na alma, ainda outra na união de ambas. E a respeito daquela que está ligada ao corpo, uma está nos humores, outra nas constituições físicas. Os humores são quatro: sangue, cólera, melancolia e fleuma¹⁵.

Quatro são as qualidades que se encontram tanto nos elementos como nos tempos, tanto nas idades como nos humores, consideradas proporcionalmente: calor, frio, umidade, secura, e que formam seis constituições físicas, quatro possíveis, duas impossíveis. Impossíveis são aquelas que unem duas opostas, como quente e frio, úmido e seco. Possíveis que se unem com uma que de algum modo é oposta, a saber as duas restantes, como quente com úmido e seco, e frio com os mesmos elementos. Nas possíveis constituições os elementos, os tempos, os humores e idades são, embora desassociados, unidos entre si.

¹⁴ G. Dahan, nas suas notas explicativas afirma: Em lugar de *epmiritis*, Hugo de St. Vitor escreve *elementis*. Embora não tenhamos encontrado nos lexicógrafos da Idade Média [...] nenhum termo que pudesse esclarecer o termo *epmiritis*, preferimos mantê-lo; talvez possa ser explicado pela palavra grega *επιμερησ* ou *εφεμηρισ* [...]. De qualquer forma, os *elementos* recebem, no próprio Tratado, uma aceitação completamente diferente.

¹⁵ A doutrina dos quatro humores é considerada a base da medicina da época grega até o século XVII e é, sem dúvida, um tema que conta com inúmeras referências por parte de muitos autores antigos e medievais.

Quatro são os elementos: a terra, que é chamada assim em razão de pisar ¹⁶, a água em razão da igualdade o ar, em razão da circunferência, porque *aerin* é grego, chamada circunferência em latim; fogo, que é latim.

De maneira semelhante, os tempos são quatro: a primavera, assim chamada desta forma por causa da mudança da pele da serpente, verão, por causa do grande calor; outono que vem de *autumnar*¹⁷ que significa “colher”; o inverno que vem de *gemin*, que é “comer”¹⁸.

Da mesma forma há quatro humores: sangue, o que é latim; fleuma, que é interpretado como “aquático”; a cólera rubra, que em latim é o humor rubro; e cólera negra, que é chamado fleuma negra, donde se diz melancolia: *mela* negra, *colon* humor, donde melancolia “humor negra”.

Na opinião de alguns há seis idades; a primeira é a infância, que transcorre do nascimento de alguém até o sétimo ano; ela é chamada assim porque poucas vezes ou nunca alguém fala até este momento de sua idade para explicar, mas balbuciando não consegue formar plenamente as palavras. A segunda é a puerícia que termina aos quinze anos; é chamada assim de *pure*, isto é, “guarda”, porque até o décimo quinto ano os filhos dos nobres são mantidos em custódia. A terceira é a adolescência, que vai até o vigésimo primeiro ano, e é assim chamada por causa do crescer, porque durante este tempo o homem cresce em altura ou

¹⁶ Além dessa interpretação, ligada ao verbo latino *tero*, não se pode excluir a possível ligação com o adjetivo *teres*, redondo, arredondado.

¹⁷ *Outono* em latim é *autu,mpnus*, por isso a etimologia que à primeira vista soa estranha.

¹⁸ Esta dedução e etimologia só é compreensível a partir da palavra latina *hiems*, inverno.

tamanho. A quarta é a juventude, que termina no trigésimo segundo ou trigésimo terceiro ano; ela é chamada assim por causa do ajudar, porque a partir desta idade cada um deve ajudar o seu pai a suportar o seu trabalho. A quinta é a idade viril, que continua até o quinquagésimo ano, e é chamada desta maneira em razão da força; a condição, pois, deste estado é experimentado como a mais forte. Em sexto lugar vem a velhice, que se estende até o octogésimo ano; chama-se assim por causa do envelhecer, isto é, enfraquecer, porque a partir desta idade o homem começa a desvanecer e se inclinar ao desfecho da morte. Além dos oitenta anos a vida do homem velho é prolongada um pouquinho e a idade é chamada decrépita e tudo nela é somente fadiga e dor.

Outros, porém, dizem que são quatro as idades, e a primeira é dividida em duas: a infância e a puerícia; a segunda se divide em adolescência e juventude; daí a palavra de Salomão: *Jovem, alegre-te na tua juventude*¹⁹; a terceira, isto é a idade viril, fica indivisa; a quarta, isto é a idade viril, se divide em velhice e idade decrépita.

O ar, a primavera e o sangue e a puerícia são ligados por uma união quente e úmida. Os seus opostos, a terra, o outono, a melancolia, a idade viril, por isso de modo nenhum se toleram. De fato, para isto (existem) o fogo, a cólera, a juventude, o verão; de um lado água, em segundo o inverno, a fleuma, a velhice, de outro lado os dispostos de outra forma concordando com as suas discórdias, então, as inimizades se convertem em amizades.

Dizemos, pois, que a música que é considerada no corpo, é considerada a partir dos humores, por isso, àquelas qualidades são associadas outras dissociadas, ou a partir

¹⁹ *Ecl.*, 11, 9.

dos costumes ou das operações, segundo as quais se dirigem à devida finalidade ou se afastam dela. Estas estão, de fato, na alma, outras nas faculdades, outras nas forças, e algumas nas virtudes. As faculdades são movimento, sentido e outras potências, em razão das quais a alma recebe diversos nomes. Forças físicas são a racionalidade, a ira, a concupiscência²⁰. Virtudes: a prudência, a força, a justiça, a temperança, que entretanto é compreendida na comparação de uma e outra coisa, uma na comida, outra na vestimenta, outra é encontrada nos edifícios. Sobre isto Lucano leu que Catão recomendou que nem na comida nem na vestimenta se excedessem aos limites da modéstia.

Da musica instrumental, uma é métrica, outra rítmica, outra lírica. A métrica está ligada a certa dimensão de medidas. A rítmica é aquela que se distingue por certo número de sílabas. Alguns instrumentais, porém, negam a existência destas. A respeito disso dizemos que, embora não se celebrem com instrumentos artificiais, nem por isso os instrumentais são menos aprovados quando são exercidos com instrumentos naturais; isto é, com instrumentos de nove vozes que são: dois pulmões, o plectro da língua, a cavidade da garganta, o conjunto de dois lábios. Ainda é daí que são inventadas pelos poetas nove musas, à cuja cabeça colocaram Mercúrio, e às Musas e ao Mercúrio o Apolo. Também foi dito por alguém: “Stilbon Archas lidera as Musas, Apolo vem em primeiro”²¹.

A lírica (mélica) que é considerada nas melodias, é chamada desta forma por causa do grego *melos*, que significa

²⁰ Cf., e.o. Hugo de St. Vitor, op. cit. II,12.

²¹ A respeito desta citação Dahan, op. cit. p. 168, observa: *Foi nos impossível encontrar esta citação.*

“doce”; isto quer dizer a mesma coisa que harmonia. A harmonia, de fato, é a concórdia de vozes discordes, e ela é dividida em diatônica, cromática e concorde. A diatônica consta de dois tons e um meio tom. A cromática de três meio tons e dois meio tons. A concorde de dois tons e uma diése. A diése é a menor parte de um lima, isto é, do menor semitom. As diatônicas são oito: autentus protus, plaga protii, autentus deuterus, plaga deuteri, autentus tritus, plaga triti, autentus tetrardus, plaga tetrardi. É um efeito maravilhoso da música. Lê-se, porém, que a concorde excita fácil o furor por seus ruídos, enquanto por suas melodias traz paz aos furiosos, como também tranqüilidade. Por causa disso há nas guerras vários tipos de cornetas: algumas acordam e não impelem, como são as tubas e semelhantes; outras tem efeitos acalmantes e repelentes, como as trombetas. A cromática é de tanta eficácia que rapidamente relaxa alguém e também ligeiro o incite à paixão. Neste ponto os Espartanos tem experiência, porque convocaram algum músico para ensinar seus filhos; depois destinavam-no ao exílio: certamente, algo doce, introduzido nas suas mentes pela suavidade, os atraiu de tal forma que somente viviam atentos à lascívia e à sedução.

Aqueles, porém, que colocam assim a ciência como primeira razão de divisão, separam a eloquência da sabedoria e julgam-na ser outra, o que tentaremos provar com autoridades e razões. Autoridades como a do Catão: “A palavra é dada a todos, a sabedoria de espírito a poucos”²², e de Salusto que, querendo menosprezar a pessoa de Catalina e mostrar uma conjuração séria, disse: “Ele tem pouca

²² *Disticha Catonis I, I*. Site disponível na Internet: www.thelatinlibrary.com/cato.dis.html. Acesso em: 24-10-2004.

sabedoria, mas muita eloquência”. E de Túlio²³, que diz na sua Retórica: “A sabedoria sem eloquência é de pouca utilidade, mas a eloquência sem sabedoria prejudica muito”. Também atribuem a estas autoridades, que parecem ser várias, razões, afirmando que se a eloquência parecesse ser sabedoria, qualquer um receberia o nome de gramático e sábio. Vimos e conhecemos muitos gramáticos, que não temos a coragem nem devemos chamar de filósofos, e da mesma forma isto acontece com o dialético e o retórico, e, por esta razão, é claro que a eloquência em nada parece com a sabedoria. As autoridades e as razões são expostas com bastante facilidade pelos autores desta afirmação. Porque dizem os autores que, muitas vezes, se toma a eloquência por palavrório e a sabedoria por honestidade de vida.

Outros, ao ver que o homem é composto de uma dupla substância, a saber de corpo e alma, compreenderam que certas coisas são necessárias ao corpo, outras à alma, outras à conservação de ambos. Para esta tríplice conservação, portanto, inventou-se uma tríplice ciência: a física, para o cuidado com o corpo, que trata da natureza; a teologia para a defesa da alma, que prega a fuga dos vícios e o apetite das virtudes; a ciência das leis, que ditando justiça, protege as coisas exteriores e tudo que é necessário ao conjunto do corpo e da alma. Para estas três ciências também são ordenadas, como que alguns caminhos, as sete artes liberais que são encontradas no *trivium* e no *quadrivium*: a gramática, a dialética, a retórica que são o trívio, quase três caminhos e um tríplice acesso às ciências mencionadas. Aritmética, música, geometria e astronomia são chamadas

²³ Mais conhecido como *Cícero*. A frase encontra-se nas famosas *Catilinárias* (V, 4).

o quadrívio pela mesma razão. Ninguém, de fato, pode atingir a perfeição nesta tríplice sabedoria, senão antes de atingir a perfeição nestas sete ciências.

A ciência, pois, é diferente da arte, porque a arte é uma coleção de preceitos, pelos quais somos informados para fazer algo de modo mais fácil do que por meio da natureza. A ciência é, portanto, o conhecimento de coisas com uma certa razão porque é assim. Destarte as ciências são diferentes das artes.

As artes, de fato, são chamadas liberais, porque libertam o espírito de cuidados²⁴, ou porque exigem um espírito livre de preocupações, ou porque somente homens livres têm licença de se aproximar da prática destas artes. Elas são chamadas liberais para diferenciá-las das artes mecânicas, para cuja prática se admite tanto os nobres como os não nobres, tanto os livres como os servos. São chamadas mecânicas, do mesmo modo que “adulterinas”, isto é, imitadoras das liberais. Ou mecânicas por causa do pior grupo daqueles que estudam estas ciências, isto é, pelos plebeus ou imitadores que as recebem²⁵.

²⁴ Cf. a bela frase de Hugo de São Vitor, citada por Dahar: *Nelas viram tanta utilidade em comparação com todas as outras, que, qualquer um que adquirisse firmemente o conhecimento delas, chegaria ao conhecimento das outras, mais pesquisando e praticando do que ouvindo. Elas são como instrumentos ótimos e tirocínios pelas quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamaram “trívio” e “quadrívio”, pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sabedoria (op. cit. III, 3, p. 139).*

²⁵ Cf. Hugo de St. Vitor, op. cit. II,20: *Hae mecanicae appellantur, id est, adulterinae, quia de opere artificis agunt, quoad a natura formam mutuatur.* (Estas ciências se chamam mecânicas, isto é imitativas, porque tratam do trabalho do artífice, que da natureza toma emprestada a forma).

As artes mecânicas são sete, da mesma forma que as liberais: a ciência da lã, das armas, da navegação, da medicina, da agricultura, da caça e da pintura, cujos inventores, por causa de sua excessiva utilidade, são de tanta reverência, que são encontradas nomeadas com o nome dos deuses. Certamente, em verdade, foram os homens, mas ao chegar no mundo estas artes trouxeram muita utilidade, por isso foram consideradas deuses. Daí Minerva, que como primeira ensinou a tecer lã e conduzir o fio e fazer uso do pano, é considerada estar como deusa na frente da ciência da lã; Diana e Vênus as deusas da caça, cujas inventoras são consideradas, por isso nos autores Vênus muitas vezes, mas Diana muitíssimas, assume a figura de uma caçadora, com reverência da palavra e da expressão (diurni?)²⁶; Netuno o deus da navegação, porque foi o primeiro que com a ajuda de um navio sangrou o mar, e por isso se lê que ele administra as águas; Apolo e Esculapo os deuses da medicina, Ceres da agricultura, Vulcão das armas e da pintura.

E as artes liberais possuem elementos primeiros, nas quais qualquer um com dúvidas confia, a gramática as razões, a dialética as proposições notas por si e as máximas, a retórica os lugares comuns e gerais, a aritmética e a música, a geometria e a astronomia os teoremas. Estas artes, fazendo assim distinções, aplicaram a filosofia às artes e às ciências.

Aquelas que chamamos filosofia são divididas em quatro partes: a física que também é chamada de natural ou genuína; a ética, que é chamada moral; a teórica, que é racional; e a teologia cuja palavra permanece sem mudança por causa da dignidade da língua grega e dos assuntos nela tratados.

²⁶ Não é claro o que autor quer dizer com esta palavra, neste contexto e frase.

São três as línguas principais: a hebraica, a grega e a latina. A hebraica é a mais digna, e porque foi a primeira, e porque sobreviveu idêntica na confusão, e porque só ela é falada por si por qualquer criança, sem ensino. A grega é a mais rica porque expõe com uma imensa enxurrada de palavras. A latina é tanto a mais fácil, como também a mais vazia, pela pobreza em palavras. Por isso, em comparação com ela, a grega é chamada mais digna.

A astronomia é a ciência da observação do movimento dos planetas para conhecer seus efeitos; é dividida em gnomônica, isto é, calculadora, e matemática, isto é, enganadora e fútil. Gnomo é um tipo de barra de ferro que está fixada no fundo do relógio, por cuja sombra são distinguidas e calculadas as horas, e, por isto, esta astronomia é chamada gnomônica, porque ela olha as horas e consiste na opinião sobre as horas. A matemática fala das coisas que estão nas imagens, e é assim chamada por causa da vaidade; os que agem assim enganam, porém, muitíssimas vezes e são enganados. E a astronomia é chamada quase ciência sobre as leis dos astros: *nomos* de fato é traduzido por “regra”. É diferente da astrologia, porque ela é a ciência que examina o movimento das estrelas, enquanto são visíveis, porque ele é assim ou diferente. Ela é dividida em duas, numa que trata do nascer e do deitar do sol, e quando fala da sua subida ou descida, do crescer e minguar da lua, e noutra, a fabulosa, que afirma existir o carro solar. A chamada astrologia é como que um discurso sobre os astros ²⁷.

A sociedade (respública)²⁸ é uma agregação de coisas, entre as quais umas são agentes, outras dominantes,

²⁷ Para maiores detalhes sobre a etimologia da astrologia e astronomia, cf Hugo de St. Vitor, op. cit. II, 10 e 12.

²⁸ Assim no original.

outras obedientes. De fato, ela foi inventada ao exemplo e à imagem do mundo sensível e do microcosmo²⁹, isto é do mundo menor, como o homem, e inicialmente instituída por Moisés, em seguida imitada por Sócrates, o preceptor de Platão, por último confirmada pelo mesmo Platão. Consideremos, pois, a disposição de ambos os mundos, para que possamos ser capazes de entender de que forma deve ser organizada a nossa sociedade.

Existem, pois, no mundo sensível coisas que dominam, outras que agem, e certas coisas que obedecem. Diz-se que as três hipóstases exercem o poder: Pai, Filho e Espírito Santo, por cuja vontade tudo é feito, de cujo poder nada escapa. Estes três, assim se diz, ocupam neste mundo sensível um lugar acima de todas as coisas, embora não num único lugar, porque estão em todo lugar, mas situados acima de tudo em razão de sua dignidade. Num lugar subsequente existem os signos agentes, a saber, tanto os planetas como os dois elementos superiores, por cujo serviço e ofício são administradas todas as coisas terrenas. Em terceiro e ultimo lugar existem a água e a terra, de que se diz que obedecem aos outros. Uns agem, outros recebem. Daí os dois superiores, o ar e o fogo, são declinados no gênero masculino, as outras no feminino.

Da mesma maneira encontram-se no microcosmo umas realidades que exercem o poder, outras que agem e

²⁹ A idéia de microcosmo é, neste século, significativa; M.D. Chenu, num artigo clássico afirma, que este tema é um dos elementos mais significativos da filosofia medieval: [...] *o homem microcosmos: pequeno universo no grande universo, o homem só pode ser conhecido no interior deste paralelismo, pelo fato de viver nele* (L'Homme et la Nature. Perspectives sur la Renaissance du XIIe Siècle. *AHDLMA*, T.XIX. , 1953, p. 39-65).

algumas que obedecem. A sabedoria e sua comitiva exercem o poder: a inteligência, a razão e a memória; estas escolheram para si um lugar na parte superior. O cérebro, de fato, é a sede da sabedoria, e ela se distingue em três células. A primeira delas é chamada fantástica ou inteligível, e esta parte é quente e seca, vizinha ao complexo da cólera; daí os coléricos percebem facilmente, mas se não forem reforçados um pouco pela melancolia, facilmente entregarão o percebido ao esquecimento; a inteligência é uma força de fácil percepção, que ocupa a primeira célula. A segunda, a logística ou racional, segue e se avizinha da razão; é quente e úmida, sendo própria aos sanguíneos, porque são de máxima discrição; a razão, pois, é uma força que facilmente discerne o que é percebido. A terceira é chamada memorial, ela é fria e seca; por isso é familiar aos melancólicos; estes, pois, são de muita tenacidade. Dizem que nesta (célula) existe um tipo de bolsa, possuindo uma abertura que se abre e fecha. Abre-se para perceber, fecha-se para entregar firmemente o percebido à memória. A memória é a firme percepção do que a mente conhece.

No lugar seguinte, no coração, moram a animosidade, a fortaleza e aquela potência que dizem agir. O coração é feito à maneira de uma maçã púnica³⁰, aberta na parte superior. Por isso, se for dado um golpe nesta parte do coração, ele pode se evadir, mas se um golpe for dado noutra parte, acontece nada. Isto é um problema físico e foi muitíssimas vezes comprovado.

No terceiro lugar, nos rins, colocaram a sua sede a volúpia e a concupiscência; por isso, o Senhor Jesus, ao pregar a continência do sexo mais digno, anuncia dizendo:

³⁰ Esta expressão indica a romã.

Que seus rins estejam, cingidos ³¹, etc. Porque a força do homem está nos rins, da mulher no umbigo; daí o Senhor no livro de Jô fala a Satã: *A virtude dele está nos seus rins e a força dela no umbigo de seu ventre* ³².

Destes alguns exercem o poder quase do mesmo modo, outros agem, outros obedecem, porque a sabedoria percebe como imperando pela inteligência, discerne o percebido pela razão, entrega o discernido à memória. A memória entrega o que recebeu à coragem, a coragem recebe para agir; a volúpia, porém, seguindo sua inclinação, é abraçada, a concupiscência é admitida.

Então, Moisés, a quem Deus mostrou os exemplos das coisas, estabeleceu a sua sociedade imitando esta realidade, dividindo o povo dos judeus em três partes: anciãos, guerreiros e pastores ³³. Anciãos são chamados aqueles que agora são os clérigos; a eles Moisés entregou o mando, porque lhe parecia justo que aqueles que são superiores em questões ligadas à razão, também o serão no mando. Assim, então, para que governassem com sentimentos de piedade e serviço e não dominados pela ambição e cobiça, Moisés mandou os ocupar-se somente com a sabedoria, através da qual cuidem da sociedade, e também mandou-os morar em lugares mais elevados e sem barulho, se dedicar aos estudos

³¹ Lc 12,35.

³² Jô, 40,11.

³³ Nesta parte encontramos o reflexo da divisão clássica da sociedade da Idade Média em três ordens: *oratores, bellatores, laboratores*. A inspiração desta tripartição, presente e celebrizada na *República* de Platão, é aqui atribuída a Moisés, também recordando uma antiga tradição que faz de Sócrates, Platão e Aristóteles “discípulos” de Moisés. Da mesma forma, a idéia do macro e microcosmos, como desenvolvidos aqui, são uma cópia de uma idéia platônica.

nas fileiras da sabedoria e da coragem, para que, por meio da sabedoria, compreendendo o que é dividido aos cidadãos e inimigos, façam crescer os cidadãos em coragem e esmaguem os seus inimigos. Aos outros seja mandado morar em locais mais modestos e perto das torres, como foi mandado à juventude destinada às guerras ³⁴. Todos são chamados indistintamente pastores, com exceção dos anciãos e dos guerreiros, e por isso ocuparão os subúrbios não de forma desordenada, mas conforme a variedade de seus ofícios. A estes foi concedida a terra por meio de comprometimento, concedidos primícias e dízimos para os clérigos puderem viver e indicados certos redutos aos guerreiros. Por isso, estes e aqueles vivem sem tomar parte na divisão.

O mundo está dividido entre gregos, latinos e bárbaros. Eles vivem em regiões que são separadas em nações, as nações em classes, as classes em famílias, as famílias em linhagens de consangüinidade. Em todas estas divisões existe a separação de sexos, a diversidade de dignidade, profissão, condição, idade e coisas semelhantes. A reverência e o apreço, porém, deve ser mostrado a todos conforme a maioridade e paridade, com a razão atenta que ajuda encontrar todos os excessos.

A fala e o silêncio algumas vezes são realizados com razão, outras não. Racional é chamada a fala que é feita como é, mas não da forma como deveria ser feita. Irracional é a fala que é feita como é, mas da forma que não deve ser feita.

Do mesmo modo há um silêncio racional, e um outro desarrazoado. Racional se diz quando há silêncio quando se deve, e não se calar quando não se deve ficar calado.

³⁴ A distribuição da população em regiões é claramente inspirada em Timeu, 110-113.

Daí: “aquele que sabe se calar com razão, está perto de Deus”³⁵. O silêncio desarrazoado é aquele que é e que diz o que não deve ser dito. Fala-se que certos heréticos pregavam aproximando o dedo da boca, dirigindo-o como um pedaço de madeira até o nariz, indicando um silêncio perpétuo, alegando de fato esta razão para a confirmação de sua falta de racionalidade, que de certa forma o homem não pecaria se não houvesse a fala, nem os corações falariam entre si e assim haveria um eterno silêncio, assim e do modo que deve ser. Eles são os Passarolinchitos, que vem do grego *rinchoe* que significa “nariz” e *palo*, isto é, dedo, dirigindo-o ao nariz como um pau; de modo melhor seriam chamados dactilorinchite ³⁶.

Dionísio afirma que na Igreja existem três vezes três hierarquias ³⁷. A Igreja, pois, é dividida em duas partes: naquela que reina com Deus nos céus e naquela que milita na terra, e que futuramente triunfará. Aquela, de fato, que milita até agora com Deus nos céus, reina, desce dela três vezes e dá origem às hierarquias: Serafins, Querubins, Potestades, Principados, Dominantes, Virtudes, Anjos, Arcanjos ³⁸. Aquela, porém, que combate até agora reinando na terra, é dividida em hierarquias duplamente ternárias, que ocupando os dois lados, são administrados pelo senhor papa, que é rei e sacerdote, indicando lhes um lugar, de tal forma que os letrados estão à direita, os leigos, porém, à esquerda.

³⁵ Disticha Catonis, I,3. Trata-se de uma coleção latina de lições morais, oriundas do 1º século da era cristã, traduzidas na Idade Média em quase todas as línguas, organizada por um desconhecido Catão.

³⁶ Cf., também, S. Agostinho, *De heresibus*, 63. P.L. 42, 42.

³⁷ In: *Hierarquia Celeste III*, e *Hierarquia Eclesiástica VI*, obra completa, São Paulo: Paulus, 2004.

³⁸ Para ter os nove “*coros dos anjos*”, faltam os *Tronos*.

Sabe-se que o menor grau dos letrados e clérigos é mais digno do que o maior grau dos leigos. A ordem é a seguinte: o primeiro lugar compete ao senhor papa, ao seu lado direito estão alojados os patriarcas, os cardeais e os primazes, os arcebispos, os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os subdiáconos, os acólitos, nestes são incluídos também os exorcistas e outros. Ao lado esquerdo, em primeiro lugar, os imperadores, os reis, os duques, os cônsules do povo, os príncipes e os barões, os guerreiros do povo e os pastores, e com a palavra pastores também se entende todos os artífices. Para reinar sobre todos eles e para protegê-los, ele (o papa) é ornado com signos de pedras preciosas, e munido de dois gládios, um espiritual e outro material ³⁹. Mas, como é torpe enforcar ladrões e a Igreja tem pavor de arrancar os olhos e de cortar os pés e de outras coisas que se fazem entre os homens, para resguardar a justiça e conservar o vínculo da sociedade humana, ele, o papa, entregou o cetro e o gládio material aos imperadores e aos reis; daí é claro que estes são os algozes da Igreja. Para si guarda a vara pastoral, para deste modo exercer a cura das almas, enquanto os reis e imperadores cuidam dos corpos. O que, porém, são 3x três as hierarquias, isto é baseado na obrigação de sermos sólidos na fé na Trindade.

³⁹ A idéia dos dois gládios começa a surgir na segunda metade do século XII – aqui, então, um indicador para o tempo em que o *Tratado* foi composto.